

A FILOSOFIA, CRIAÇÃO DE CONCEITOS E A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

*José Sílvio de Oliveira**
*Náfren Ferreira Lima***

RESUMO: Este artigo propõe expor algumas idéias que possam contribuir com debate, com as análises da necessidade da criação de conceitos, sobretudo no mundo educacional, em que grande parte, os conceitos muitas vezes tem um sentido vulgarizado e efêmero quando se trata da sociedade capitalista. Para expor as idéias, partiremos de uma reflexão investigativa filosófica, levantando questionamentos acerca do sentido da filosofia no mundo contemporâneo, em que pela forte ideologia dominante capitalista, o conceito acaba servindo para determinantes econômicos, uma vez que esquecemos de aprofundar cada conceito, eis então a tarefa da filosofia, fugir da aparência e buscar a essência dos pensamentos, dos conceitos. Por meio da pesquisa bibliográfica pautada em Deleuze, Guatarri (2004), Granger, 1989, Chatelêt (1995), Bolda, (1994) (Horkheimer, 2000), Oliveira (2004), buscou-se problematizar e compreender o que é conceito, e sua finalidade filosófica. Num primeiro momento analisaremos o conceito de filosofia, partindo da história da filosofia, sua origem, os horizontes da reflexão: antigo, médio e moderno. Posteriormente iremos refletir a noção de conceito a partir de uma reflexão entre filosofia e educação. Finalizaremos a reflexão pensando alguns determinantes históricos, apontando para as tendências atuais do sentido da filosofia.

Palavras-chave: filosofia, conceito e educação.

ABSTRACT: The aim of this paper is to expose some ideas which, under discussion, might contribute to the analysis of the need to create concepts, especially in the academic world, where concepts have often had a vulgarized and ephemeral meaning concerning a capitalist society. To expose the ideas, we will start from a philosophical investigative reflection, raising some issues regarding the meaning of philosophy in the contemporaneous world in which, due to the strong capitalist dominant ideology, concept ends up being used for economical determiners, as we forget to deepen each one of them. Here lies the task of philosophy: to escape from appearance and search for the essence of thoughts, of concepts. Through the bibliographical research based on Deleuze e Guattari (2004) (Granger,1989), Chatelêt (1995), (Bolda, 2004)(Horkheimer, 2000) and, (Oliveira, 2004) we tried to problematise and understand what a concept is, as well as its historical purpose. Initially, we will analyze the concept of philosophy,

* Professor Assistente do Curso de Pedagogia CAJ/UFG. jssilvinho@hotmail.com

** Acadêmica do Curso de Pedagogia do CAJ/UFG. nafren_2007@hotmail.com

based on the history of philosophy, its origin, the horizons of reflection: old, middle and modern. Later, we will reflect upon the notion of concept under the perspective of a reflection on philosophy and education. Finally, we will think about some historical determiners, pointing to the current trends of the meaning of philosophy.

Key words: philosophy, concept and education

A criação de conceitos não é uma questão nova, sempre foi tarefa dos filósofos inventarem conceitos. Embora a data não seja cronologicamente exata, desde (610, 597 ou 548 a.C.), período que marca o nascimento de um dos primeiros filósofos, até o mais novo filósofo de nossos tempos, a filosofia trabalha e continua nesta insaciável, incansável busca de criar o novo. Uma ausência de clareza conceitual perpassa a sociedade contemporânea de modo a embaralhar e confundir sempre mais o sentido e o significado das coisas, dos seres, dos objetos, do mundo, da realidade da própria existência do indivíduo e da coletividade. A confusão parece geral, seja no âmbito social, político, econômico, seja na esfera intelectual. Nada mais parece ter sentido, aliás, sentido tem, o que precisamos saber e conferir é, se nossas idéias, pensamentos têm pelo menos um pouco de ordem. No que concerne a esfera educacional – horizonte de reflexão, onde os conceitos ladrilham e povoam- parece muitas vezes perderem o sentido e sua natureza. Os conceitos de educação, escola, qualificação, formação, ensino-aprendizagem, dentre tantos outros têm sido ajustados e historicamente determinados ou uma fantasia e loucura perpassam e desintegram cada vez os seus personagens? A condição atribuída aos conceitos atualmente passa necessariamente por uma lógica do mercado. Se um conceito deve ter um começo, um nascimento, uma criação, uma novidade, então ele traz consigo a necessidade de concebê-lo como pertencendo ao domínio de uma história, de um devir e não ser criado a partir de uma condição única: capitalismo. Daí perde-se toda natureza e sentido dos conceitos, de seus personagens conceituais e do próprio plano de criação conceitual. A economia de mercado e o crescimento econômico ocultam a lógica de acumulação incessante do capital. Essa força impulsora das concepções que fundam o capitalismo e seus pressupostos teóricos não revela a verdadeira concretude e inteireza do ser humano, mas sim, coisifica, desintegra, fragmenta a concepção de homem. Será que o trabalho pedagógico da escola tem elevado e enobrecido o sentido da verdadeira construção da sociedade? Se o horizonte do trabalho da escola se confunde com o horizonte do rentável, do pragmático, do tecnicismo, da eficácia e eficiência da qualidade total, como criar homens e mulheres capazes de discernimento? As

concepções que norteiam a lógica do capitalismo massificam a concepção de ser humano, uma vez que, os coisificam, desintegram sua concepção de homem. “Os conceitos foram ‘aerodinamizados’, racionalizados, tornaram-se instrumentos de economia de mão-de-obra”. HORKHEMEIR (2001, p. 30) No mundo da acumulação, da competição, da individualidade, o pensamento e a razão ficam restritos à esfera do processo técnico cultural, atualmente o mundo do capitalismo prova sua própria crise. A filosofia não sendo entendida em sua originalidade perde seu sentido e caráter de legitimidade. Talvez as palavras de Gilles Deleuze e Felix Guatarri possam alertar-nos um pouco mais sobre este descompasso conceitual. “Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, idéias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos.” (DELEUZE E GUATARRI, 2004.P.279) Antes de passarmos à questão propriamente dita, muito rapidamente traçaremos um perfil histórico da criação conceitual de alguns filósofos, é claro que algumas vezes alongaremos um pouco mais a reflexão em virtude do entendimento do próprio conceito pensado por determinado filósofo. As reflexões que seguem, não evidenciam uma ordem necessariamente sequencial e cronológica dos fatos, apenas narram as circunstâncias e contextos históricos determinados historicamente. Também não trazem a vida dos pensadores, apenas sucintamente explicita alguns aspectos mais gerais de questões que permitem compreender ao menos de longe a necessidade da invenção de conceitos.

A fase inaugural da filosofia grega é conhecida como período pré-socrático, de acordo com a tradição histórica, o interesse filosófico está voltado para a natureza. Esse período envolve reflexões filosóficas desenvolvidas desde Tales de Mileto (623-546 a.C) até Sócrates (468-399 a.C.). O iniciador da reflexão da natureza é Tales de Mileto (VI a.C), foi ele o iniciador da filosofia da *physis* (natureza), chega a afirmar a existência de um primeiro princípio único, *arché* – princípio, causa de todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio é a *água*. Anaximandro de Mileto (VI a. C), diz que este princípio é *a-peiron* – infinito. Outro filósofo é Anaximenes de Mileto, (VI a.C), este considera o *ar* como elemento essencial, o princípio de todas as coisas. Para Pitágoras de Samos, (530 a. C), o número é a causa de todas as coisas, as relações matemáticas. Com Heráclito de Éfeso, (VI a .C), problema passa a ser velho conhecido o *devir*. O *tudo se move*, de Heráclito significa que tudo se transmuta sem exceção, nada é imóvel, isto é, o *devir* constante, tudo está em contínua mutação. Para entender um

pouco mais, lembre-se de Lulu Santos, *Como uma onda*: “*Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa tudo sempre passará, a vida vem em ondas como um mar, num indo e vindo infinito*”. Nós mesmos já somos outros, isto é somos resultado de uma luta entre dois pólos opostos, entre contrários: o *dever* é essencialmente unidade e polaridade. E a realidade que está toda no vir a ser, não é outra coisa senão harmonia de contrários, do dia e da noite do verão e do inverno e assim sucessivamente. Parmênides de Eléia (VI a. C), o primeiro a propor o problema, do conceito do *ser*. Para ele existe uma certeza de intelectualidade, *o ser é e não pode não ser; e o não-ser não é e não pode ser*. O ser é a única coisa pensável.

Após o período pré-socrático uma nova fase filosófica vai nascer: o período socrático, caracterizado por uma nova forma de pensar. Uma nova relação conceitual é pensada. Sócrates (469 a.C), foi um dos principais filósofos da Grécia antiga, fundou não uma filosofia sistematizada, mas seu campo está na questão moral. O “*conhece-te a ti mesmo*”, é a seu motor original filosófico para suas reflexões. Daí decorre reflexões sobre a essência da alma e da natureza humana. Sua filosofia distancia das demais, sempre direcionadas para o campo crítico. Sócrates direciona sua reflexão na tentativa de definir a essência do homem, sua alma. Platão (427 a.C), um dos maiores pensadores de todos os tempos, sua reflexão básica é o realismo das idéias. Sua filosofia é a metafísica: “*o mundo das idéias*”, seu pensamento fundamenta-se na distinção do mundo sensível - *mundo das idéias e a inteligência* e o visível - *seres vivos e a matéria*. Dessa forma a realidade é constituída de dois estratos, o conhecimento sensível e o inteligível são percebidos por dois graus. O mundo sensível existe: coisa real e as imagens. No mundo inteligível as idéias éticas: o bem, o belo, o bom e o bem sem si, o belo em si. Aristóteles (384 a. C), cujo princípio baseia-se: *o ser enquanto ser*”, sua filosofia e conhecida como *filosofia primeira*, pois, envolve a busca do verdadeiro. Para ele é a metafísica a ciência que estuda o ser, é a filosofia primeira, porque procura as causas de tudo, ela estuda, reflete, sobre as causas de outras causas. Sua ciência trata do ser enquanto universal e não o particular. Aristóteles cria os conceitos das quatro causas: a formal, material, eficiente e final, cada uma dessas causas depende da relação de umas com as outras. A realidade é palpável e sua fonte abundante.

O período medieval introduziu um novo momento histórico, visto a partir da cosmovisão teocêntrica. A filosofia se restringe pela dimensão religiosa. A expressão teocêntrica, impregna a visão do feudalismo. A vida, a sociedade, a política, a economia a cultura em larga escala são determinadas pela influência da Igreja. Agostinho (354

d.C.) seus conceitos determinam uma filosofia de fé, a teoria da iluminação, (é o conhecimento das verdades eternas que é obtido por meio da iluminação divina.) A iluminação nos torna visíveis certas idéias, como verdade justiça, bondade. O conceito de mal, para ele, só Deus é a causa de tudo que acontece, mas se Deus é a causa de tudo que acontece como explicar o mal? Para Agostinho a causa do mal não é Deus, Deus não pode ser o autor do mal. *O mal é privação do bem.* A causa última do mal se encontra no homem. Abelardo (1079), sua filosofia está relacionada com problema dos universais. Universais em latim, quer dizer *universalis*, termos aplicáveis a indivíduos de uma mesma espécie ou gênero. Tomás de Aquino (1225), sua filosofia e o equilíbrio entre fé e razão. É o mais sistemático e completo filósofo cristão. A civilização medieval, com efeito, atinge seu ponto máximo em Tomás de Aquino, nas artes, na literatura, na política, na teologia e também na filosofia. Sua filosofia é o equilíbrio perfeito entre fé e razão. Tomás desenvolve sua filosofia baseando em conceitos religiosos: *fé e razão* nos seguintes princípios: fé e razão são modos diferentes de conhecer; fé e razão, Filosofia e Teologia não podem-se contradizer; embora a razão seja suficiente para conhecer as verdades fundamentais de ordem natural, é incapaz de penetrar nos mistérios de Deus; a razão demonstra, notifica e resiste. Por isso Tomás chama a filosofia de serva da teologia.

No horizonte moderno, o mundo assistiu a profundas modificações no campo da política, da economia, das artes e das ciências. E estas transformações geraram crise de pensamento. As duas correntes que dominam o cenário em questão são: Racionalismo e Empirismo. Francis Bacon, iniciador do empirismo, sua filosofia baseia-se na experiência e no método dedutivo de tal forma que este ultrapassa o sentido da razão. René Descartes, tudo se penso, logo existo, inaugura um novo horizonte filosófico, o da subjetividade. Immanuel Kant, sua filosofia estava dividida entre o racionalismo e o empirismo. Entretanto, Kant, faz duas descobertas valiosíssimas o conhecimento humano não é reprodução passiva de um objeto por parte de um sujeito e os juízos sintéticos *apriori*. Hegel, sua filosofia baseia-se no *espírito absoluto*, na identidade do real, do ideal e da contradição. Considera o universo como um todo sistemático. Somente, a partir da experiência que o pensamento pode ser alcançado Karl Marx, seu pensamento encontra auge no materialismo histórico. Esse movimento é uma concepção de história, que baseia unicamente no fator econômico. O materialismo histórico foi um pensamento que trouxe revolução no pensamento social, em aspectos teóricos como de ato político.

De acordo com os horizontes filosóficos, observamos que a filosofia varia de com o tempo e com os autores, e cada filósofo a redefine no exercício de suas criação conceitual. Não faz sentido tentar compreender filosofia sem entrar em contato com suas origens, e com que os filósofos dizem ser filosofia. Essas realidades são intrínsecas ao processo e à construção dos próprios conceitos. Historicamente a filosofia vai nascer na Grécia por volta do século (VI e VII a.C.) num contexto marcado pela cultura arcaica, pela forte influência do contexto religioso e pela forma mítica presente nos poemas homéricos e na cultura clássica. Inicialmente, a primeira tentativa que os homens fizeram para explicar o mundo, o funcionamento das coisas, a origem do universo, dos seres, e da própria existência humana, foi por meio das concepções míticas. As respostas míticas tinham a intenção de explicar as questões de forma diferenciada, isto é, as explicações não tinham um conteúdo racional da vida, da existência humana, mas, por meios de concepções antropomórficas dos deuses. As criaturas mitológicas, eram seres inventados pelo imaginário do homem, essas explicações eram relacionadas por meio das forças divinas sobrenaturais. Os gregos transmitiam essas lendas na intenção e no intuito de preservar a memória de seus povos. Esses ensinamentos eram transmitidos por meio da oralidade. Historicamente a filosofia configurou-se como a primeira tentativa, da humanidade em tentar compreender as coisas e suas causas. Porém a filosofia muda o sentido da conversa quando tenta compreender a lógica de pensamento.

Desde sempre o homem é indagador de sua existência. Só ele é capaz de interrogar sobre si mesmo, ele coloca os problemas e os problemas estão nele implicados. Num primeiro momento o mito responde parcialmente algumas questões, posteriormente com o passar do tempo, os homens sempre mais inclinados à curiosidade, ao estudo entendem que é preciso cada vez mais procurar respostas embasadas no pensamento racional. Assim, é possível dizer que é do muito que se vai desenvolver a racionalidade. Com a filosofia grega nasce a primeira racionalidade. “Creio que se pode falar de uma invenção da razão. [...] a Grécia viveu, por motivos contingentes, históricos, determinados acontecimento que levaram os homens a produzir esse gênero original que não tinha equivalente na época” (CHÂTELET, 1995, p.15). Para o autor, essa originalidade tem dimensões avassaladoras no campo político e cultural da Grécia Clássica. O século V a C. toda a Grécia está dividida em cidades e colônias, vivendo por meio de mitos, ou seja, de uma cultura marcada pelos costumes e tradições baseadas em lendas conforme se lê nas poesias de Homero. Era preciso criar

um novo estilo de vida, um novo modelo de vida, era preciso criar nova *pólis*, construir e elaborar o urbanismo, instituir constituições. Distintamente, essa nova invenção tem princípios baseados na democracia, na semelhança, na igualdade, esse impacto vai modificar mais tarde toda a civilização ocidental. Não mais a fortuna, os laços de sangue, ou os deuses que vão decidir o que pode ou não pode ser feito na cidade. Os mandos e desmandos pertencem agora a uma nova instituição, a democracia, a palavra. Os gregos inventam o que chamamos de *logos*, ou razão, uma forma de construir a sabedoria. A concepção de filosofia nascida da filosofia vai influenciar de forma significativa a ciência, que teve posteriormente efeitos notáveis na transformação da humanidade, daí, a própria notável criação do conceito de ser.

A diferença está nisto: aqui. A “sabedoria” significa ao mesmo tempo regras de vida, de conduta, e saber sistematizado fundamentado sobre a idéia de ser, idéia especificamente européia. Parece-me que nunca, em nenhuma outra espécie de civilização, surgiu algo que se pudesse chamar de “ser”. É impressionante que um lingüista como Benveniste mostre que foi a língua grega o berço obrigatório desse tipo de filosofia, porque na língua grega existe justamente a possibilidade de forjar, de utilizar esta palavra “”, ao passo que em outras línguas essa possibilidade não existe. Poderíamos perguntar se a escrita ideográfica ou hieroglífica permite pensar o ser. Também nisso, não há nenhum privilégio. Não digo que aqueles que inventaram o ser tinham uma concepção mais profunda ou melhor do que aqueles não o inventaram. Constato simplesmente que foi no berço em que dominava a língua grega que o conceito de ser apareceu, e que ele vai se tornar central no pensamento europeu, pensamento que, através do colonialismo principalmente, vai se estender sobre o mundo inteiro (CHÂTELET, 1995, p.31).

Criativamente, o filósofo grego inventa a razão - *logos*, a partir do real no horizonte da *physis*. Os gregos de maneira criativa aprendem a partir do real no horizonte da *physis*, tudo está centrado na natureza, a origem do mundo, do ser, das coisas, assim, estabelece um novo modo de pensar, ocorre à passagem do mundo mítico e sapiencial para o mundo do *logos*, dando início aos primeiros passos na direção de uma forma filosófica a partir da esfera do epistêmico. É interessante observar que foi junto ao nascimento da filosofia que a idéia de ser, ou o conceito de ser brilhou pela primeira vez. Existem muitos povos antigos que pensaram tantas coisas interessantes, técnicas notáveis, não se pode negar isso, mas nenhum outro povo soube tanto aproveitar do que criou. A democracia, o ser, a idéia de semelhança, mais tarde a idéia de igualdade, a sabedoria, o ser. Não estamos privilegiando o povo grego por ter criado tais conceitos, poderia ter sido outro povo, mas, o que estamos nos referindo é sobre a

dimensão valorativa de tais conceitos. De alguma forma e em grande escala tantas e tantas sociedades do nosso tempo, tentam compreender o sentido de tais criações. Portanto, a filosofia baseia-se no discurso, na busca pela verdade, assim é a cidade que inventa a dialética, essa cidade que questiona, que pensa, que levanta hipóteses, troca idéias.

Destaco também que, na procura da a procura da verdade, nem a opinião da maioria nem o discurso de autoridade da competência são garantia satisfatória. Assim, o caminho da verdade estaria da verdade exclusivamente reservado á filosofia. (CHÂTELET, 1995, p. 32).

A Filosofia começa quando não tomamos mais as coisas como certas, quando questionamos como as coisas são e estão. Quando não mais colocamos nada como certeza a filosofia nasce. Etimologicamente a palavra filosofia é de origem grega, formada por dois radicais, *philos-sophia*, significam amor, amizade, respeito pela sabedoria. A filosofia indica o estado de uma pessoa que estima o conhecimento, que busca conhecer, investiga, é amigo do saber, na verdade amigo dos conceitos.

Ela nasce justamente na medida em que assustamos, assombamos. Estar na filosofia é sempre estar diante do assombro. “O *assombro* é o momento inicial da via de acesso que o homem, percorre para chegar ao sentido mais profundo do ser”. (SILVA, 1994,15) Eis uma razão por que as crianças perguntam sempre. No cotidiano da vida uma coisa é percebida claramente, *enquanto as crianças perguntam, os adultos emudecem* – ou *trazem soluções prontas e definidas*. Uma criança quase nada sabe. Poucas vezes se opõe ao adulto, sempre escuta o interlocutor. Uma criança está sempre maravilhada ou aterrorizada diante da realidade opõe-se ao conhecimento seguro, pronto e acabado. A experiência do assombro causa impacto, terror, arrebatamento, maravilha, espanto. O assombro é também perplexidade, pois, abre fendas, provoca rupturas, quebra ao meio a pedra mais fundamental, à medida que possibilita o surgimento de outras razões, outros conceitos.

Pelo prisma da questão histórica de conceitos já poderíamos dizer que a filosofia é criação de conceitos, mas afinal o que é o conceito? Grande parte das pessoas pensa que filosofia é uma atividade desinteressante. Se o trabalho da filosofia na concepção de muita gente é desviar-se da realidade, filosofar sobre a filosofia, será na opinião destes, distanciar-se ainda mais dela. (GRANGER, 1989), presumir isso seria confundir a verdadeira finalidade da filosofia. Diferentemente da religião, a filosofia não é contemplação, não é abstração, não é reflexão, não é comunicação. Quase, num ritmo

frenético e cotidiano é possível escutar as pessoas dizerem, *filosofar é fugir da realidade, é sonhar, é ficar levitando, sonhando com um mundo de ilusões!* Então, se eu filosofar sobre a filosofia estarei cada vez mais condenado a percorrer um círculo indefinido. Neste sentido, é preciso dizer, “quem quer evitar o caminho circular deve de uma só vez renunciar a pensar”, (GRANGER, 1889), pois, filosofia é pensamento. Filosofar não é afastar da vida, pelo contrário e dela aproximar. Entender tal duplicidade é talvez entender que ela filosofa por sua própria natureza. A filosofia não pode se contentar com a abstração, reflexão e com a comunicação.

De acordo com GRANGER, 1989 a filosofia também não é uma ciência e sim um conhecimento. Ao contrário das demais disciplinas, a filosofia não é uma ciência. Previamente, a filosofia não deve, não pode ser considerada uma ciência, portanto, não pretende construir modelos abstratos dos fenômenos. Ela não pretende explicar os fatos, pois o que é um fato senão o verdadeiro e fundamental problema da filosofia? Outra coisa, *ela não tem objeto*, a não ser que queiramos dar um alcance racionalmente rigoroso, como faz a ciência. É perfeitamente correto dizer que a filosofia fala de tudo, mas, enquanto trabalho do pensamento, não poderá tratar esta experiência como um mosaico de diferentes classes de fatos. A tarefa da filosofia não está em organizar os fatos, mas as significações. (GRANGER, 1989) Não faltam pessoas para dizerem: *a filosofia embaralha e neutraliza as diferenças*, mas ao contrário, é preciso reconhecer o *duro no mole*. A filosofia é um conhecimento, diferentemente das ciências que tratam dos fatos. “Filosofar é, ao contrário, buscar individualmente uma expressão que, contudo, não seja a expressão de uma experiência, por meio de sua produção e reprodução como tenta artista. Mas que seja expressão de seu sentido, daquilo que significa.” (GRANGER, 1989) Pode-se dizer que, tal conhecimento é a interpretação da experiência de uma época, de um grupo, de uma comunidade, e acaba por se tornar uma consciência formulada por meio de conceitos, daquilo que significa!

A filosofia parte essencialmente do que já existe, crítica, contesta, põe em dúvida os acontecimentos, questiona, investiga e pensa sobre a realidade que lhe é pertinente. Para cada resposta encontrada, uma nova pergunta deve nascer. A filosofia é contínua busca da existência humana, ao por problemas, o homem está nele absorto. A filosofia não se volta para o prático e o imediato e não traz respostas prontas para as questões e as angústias humanas, as ciências estudam o que é quantitativo, observável, mensurável e pode ser calculado. A filosofia é um processo em construção, em si mesmo, é a contínua busca da essência, não da aparência. Os filósofos ao conceituar a

filosofia, criam seus próprios conceitos filosóficos, bem como vêem o mundo de maneiras distintas.

A filosofia, devo insistir parte de perguntas simples: o que se chama habitualmente, no jargão filosófico, questões “empíricas”. A partir daí ela tenta construir uma argumentação que permita responder, não no plano da simples opinião, mas no plano do conceito – da idéia ‘clara e distinta’, como dirá depois Descartes. Como Platão procede? Tendo feito a pergunta a, ele mostra o seu núcleo, a idéia central a qual ela se refere. (CHÂTELET, 1995, p.23-24).

Na esfera intelectual da sociedade moderna parece que uma tendência do não pensamento perpassa gradativamente e cada dia o sentido do trabalho do pensamento. E por fim a filosofia fica restrita ao mundo da forma e não ao dos conteúdos. Nessa dinâmica, o sentido conferido à filosofia, do ponto de vista meramente relativista do sentido e da significação da filosofia, acaba se reproduzindo na sociedade. O sentido conferido à filosofia muitas vezes é elaborado e sistematizado somente a partir da forma, de acordo, com as necessidades subjetivas do mercado, do cientificismo, do economicismo, do tecnicismo, em detrimento de uma verdadeira concepção cultural.

Percebemos que o modelo atual da sociedade moderna em larga extensão deu por perdido os valores culturais. Essa nova forma de organização tem como elemento crucial aproveitar a reflexão filosófica para seu próprio fim, privatizando o saber, o conhecimento e conseqüentemente os conceitos. As concepções que norteiam a lógica do capitalismo massificam a concepção de ser humano, uma vez que, os coisificam, desintegram sua concepção de homem. É tarefa do filósofo, criar conceitos, questioná-los, mas para isso, é preciso superar e questionar as concepções instituídas, trazendo reflexões acerca do sentido daquilo que é racional, a irracionalidade do pensamento atual desgasta e corrompe a clareza dos conceitos. . Mas então, o que é conceito? Qual é o sentido dessa criação? À que está submetido a invenção dos conceitos, sobretudo nesta lógica do mundo capitalista? A etimologia da palavra conceito nos remete a um primeiro entendimento: o conceito é “todo processo que torne possível a descrição, a classificação e previsão dos objetos cognoscíveis”. (ABBAGNANO, 2000, P. 164) De forma generalíssima se pode dizer, que tal significado inclui toda espécie de sinal, ou de expressão semântica independentemente do objeto em estudo, aqui vale para objetos concretos e abstratos seja eles quais forem. Diferentemente do nome, embora que este é indicado por um nome, o conceito não é nome. Perceba, podemos ter diferentes nomes e

às vezes podem expressar o mesmo conceito, não é o caso de nome porco e nome leitão. O nome é um termo, uma palavra, uma expressão, um vocábulo ou até um símbolo que indica um objeto qualquer, ou seja, o nome auxilia no descobrimento um pouco mais sobre o objeto, mas ele não é conceito. “O nome é um som vocal significativo por convenção, que prescinde do tempo e cujas partes, não são significativas se tomadas separadamente.” (ABBAGNANO, 2000, P. 714). Essa diferenciação entre nome e conceito é básica, o entendimento do conceito é bem mais extenso do que o de nome.

O conceito não é um elemento simples, entendemos como simples aquilo que carece de variedades e este não é o caso do conceito, pois ele necessita de “personagens conceituais que contribuam para sua definição.” (DELEUZE E GUATARRI, 1992, P. 19). Por meio destas primeiras considerações etimológicas o conceito pode ser entendido como “um conjunto de técnicas simbólicas extremamente complexas, como é o caso das teorias científicas que também podem ser chamadas de conceitos”. (ABBAGNANO, 2000, P. 164). Os conceitos não estão amarrados necessariamente nos fatos, ou nas coisas reais, o conceito se expande, está além dos fatos reais, nesse sentido, pode haver conceito de coisas passadas, isto é, que não mais existem, “enfim, o alegado caráter de *universalidade subjetiva* ou validade intersubjetiva do conceito é na realidade simplesmente a sua *comunicabilidade* de signo lingüístico: a sua função é primeira e fundamental é do conceito é a mesma da linguagem, a comunicação” (ABBAGNANO, 2000, P. 164). No dizer de Deleuze e Guatarri o conceito só pode começar a ser definido quando entendemos sua própria complexidade.

Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem portanto uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia “começa”, possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão. [...] Todo conceito e ao menos duplo, ou triplo, etc. Também não há conceitos que tenha todos os componentes, já que seria um puro e simples caos [...] Todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. [...] É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentado. É apenas sob essa condição que pode sair do caos mental, que não cessa de espreitá-lo, de aderir a ele para reabsorve-lo. (DELEUZE, Gilles & GUATTARI, 1992, P. 27).

Evidentemente que para compreender a noção de conceito necessariamente é preciso pensar e descobrir seus contornos, irregularidades e horizontes de reflexão, ou seja, o plano da imanência. Todo conceito tem uma história, mas que dela falar é

preciso descobrir onde estão os seus personagens conceituais. Em quais circunstâncias eles aparecem, em quais contextos eles se apresentam, enfim, em quais as paisagens e incógnitas da questão eles estão submersos? O conceito tem uma linguagem que transcende, pode ser entendida por meio de símbolos. De acordo com Abbagnano, 2002, p 141, a “ ‘linguagem da transcendência’ isto é, o símbolo mediante o qual o ser transcendente pode estar presente na existência humana sem, contudo, adquirir caracteres objetivos e sem fazer parte da existência subjetiva.”

Todo conceito tem uma história e um *devoir* e também é incorporeal. (DELEUZE E GUATARRI, 2004, P.29-30 -33.) Todo conceito remete a um problema, é esse só pode ser compreendido quando for aos poucos solucionado, “mesmo na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados (pedagogia do conceito).” (DELEUZE E GUATARRI, 1992, p.28).

Podemos dizer que qualquer conceito tem uma história, embora essa, se desdobre em empecilhos, que se cruze com outros planos diferentes que assuma novos contornos. Mas por outro lado, todo conceito possui um *devoir*, estabelece relações com outros, mas no mesmo plano, embora pertençam a mesma filosofia, tem histórias diferentes, porque, os conceitos têm um número infinito de partes. Partimos da idéia de que, cada conceito relaciona-se com outros conceitos, em aspectos de histórias, de *devoir* e que estabelecem ligações e consistências, e nunca são criados por acaso. Embora sendo incorporeal o conceito encarna nos corpos, nos objetos, porém, é preciso ressaltar que o conceito não é a essência da coisa. Conceito é ao mesmo tempo absoluto e relativo, os conceitos são totalidades fragmentárias “*É absoluto porque totaliza seus componentes, mas, relativo aos seus próprios componentes. É absoluto como um todo, mas relativo enquanto fragmentário. É infinito por seu sobrevôo ou sua velocidade, mas finito por seu movimento que traça o contorno de seus componentes.*” (DELEUZE E GUATARRI, 1992, p.33) Permanece absoluto pela maneira que opõe a ele e com os outros, é relativo porque é um pedaço que não se corresponde. Portanto, conceito deve dizer do acontecimento e não é a coisa em si. A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos, *ela traça, inventa* e cria os conceitos. A filosofia, leva em conta a dinâmica da reflexão, da originalidade, da auto-reflexão, é surpreender diante do não visto, do inexplicável. Se compreendermos a Filosofia em um sentido amplo - como concepção da vida e do mundo -, poderemos dizer que sempre houve filosofia. De fato, ela responde a uma exigência da própria natureza humana; o homem, imerso no mistério do real, vive a necessidade de encontrar uma razão de ser para o mundo que o

cerca e para os enigmas de sua existência. “A filosofia apresenta três elementos, cada um dos quais responde aos outros dois, mas deve ser considerada em si mesma: *o plano pré-filosófico que ela deve traçar (imanência), o ou os personagens pró filosófico que ela deve inventar e fazer viver (insistência), os conceitos filosóficos que ela deve criar (consistência).*” (DELEUZE E GUATARRI, 2004, P.101) Se o conceito está implicado num conjunto de relações em constante devir, então a própria história da filosofia também precisa ser pensada como um *devir filosófico*. Porém no mundo atual no qual vivemos percebemos que a dinâmica que perpetua acaba por disseminar o sentido filosófico, transformando-o num nada sem significado, como devir, a história da filosofia não pode ser considerada mediante uma noção de temporalidade que se restringe à relação presente-passado, mas o mundo atual tem uma facilidade para tal, a filosofia não mora nas proposições, e muito menos nas proposições mercadológicas. Se a crise histórica, o esgotamento do sentido e o desmantelamento da cultura são acontecimentos de ordem mundial, do ponto de vista da educação e da escola é preciso pensar como criar uma escola autônoma. Subordinada à esfera e à lógica do processo econômico e tecnocientífico, a *práxis* pedagógica é compreendida a partir de critérios do mercado e, ao mesmo tempo, o trabalho da escola se torna uma *práxis* empresarial.

A questão não está intrinsecamente no mundo da qualificação técnica, nem no mundo da informação, da mídia, do desenvolvimento tecnológico, mas na incapacidade de fazer distinções entre, a condição humana e as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Nesse sentido, é preciso distinguir a realidade da escola e a realidade que se apresenta como imutável, pronta, acabada. *Daí o sentido de pensar filosoficamente a práxis pedagógica.* É preciso ler a realidade, a cultura, a história tendo como ponto de partida, o homem como produtor de si mesmo e não como mero produto técnico cultural. Quando se pensa em *práxis* pedagógica é preciso saber em que medida trata-se de uma lógica orientada pela razão, pela reflexão, pelo pensamento, pelo entendimento, ou do enaltecimento do modelo da sociedade neoliberal vigente. Responder às questões mais profundas do convívio social, da cidadania, da ética, da política e da cultura em nome de um sistema educativo baseado na produção, na qualificação técnica é, sobretudo, esquecer a condição originária da vida humana: a condição humana. A ação pedagógica tem sido instituída, ordenada e determinada para atender quase que exclusivamente aos reclamos do mundo econômico e tecnicista. (OLIVEIRA, 2004, P.7)

Nesse sentido, o modelo da sociedade atual, parece ter perdido os princípios de ser, nada mais tem significado, substituída pela lógica e concepções capitalistas, a reflexão filosófica e aproveitada para fins privatizados, o saber educacional perde seu

caráter público. A filosofia parece não servir para nada, pois, mal consta nos currículos escolares, e quando consta esta não é eficiente e coerente, não é voltada para os atores envolvidos nesse espaço de aprendizagem.

Morar na filosofia não é estar preparado, não armado, não encapuzado diante da realidade (objetiva e subjetiva), em outras palavras: é sentir-se nu diante das multidões, é saber que minha sabedoria, meus conhecimentos e saberes não são sábios, por isso, dele não devo ser o dono. Se a cultura coloniza o homem, a mulher, o jovem e a criança, a partir das crenças, dos costumes, da religião, da ciência, da tecnociência, da tecnologia, da educação, a filosofia nos importuna, para ser mais exato, é uma chata, tira-nos do nosso sossego, do barco em que tranqüilamente navegamos. É Estar preparado para criar sempre conceitos novos. Porém, criar conceitos não significa mudar apenas a forma, exemplo: CRECHE, para CEMEIS. Isso é uma jogada política, ou na verdade uma questão pedagógica? - é um efeito bomba ou uma sincera transformação dos conteúdos em favor de cada uma daquelas crianças que ali estão sendo formadas?

Previamente devemos lembrar que filosofia não é um conjunto sistematizado de conceitos prontos, acabados, fechados em seu contorno. Muito mais que antes, é preciso pensar sua finalidade. Na verdade ela é interrogante - *filosofante*, por sua própria natureza. Na medida em que ela é interrogante e filosofante ela necessariamente cria conceitos. Distintamente da governabilidade, da política, dos ministérios, ela não está interessada em expedir ordens, (HORKHEIMER, 2001) afinal, na sociedade da confusão intelectual, isso pode ser entendido como “uma posição insensata contra a obediência e contra a ordem, pode até ser interpretada como uma ordem dirigida contra as ordens”. (HORKHEIMER, 2001) Sócrates entendeu bem isso, morte é o caminho seguro, Sócrates preferiu a morrer que render-se ao suborno. (PLATÃO, 1997) “Dizer que a essência ou o lado positivo do pensamento filosófico consiste na negatividade e relatividade da cultura existente, não implica que a posse de tal conhecimento constitua por si, a superação de tal situação histórica” (HORKHEIMER, 2001, p 183) Tirar proveito dessa interpretação para atropelar o verdadeiro sentido da filosofia, é senão, qualquer coisa de não compreensão da dialética, da questão do real e do ideal, da matéria e da forma, do corpo e da alma, da teoria e da prática. Em outras palavras, é não saber a distinção entre porco e leitão. Fazer filosofia é saber fazer distinção, uma coisa é uma, outra coisa é outra. Refletir sobre o sentido filosófico numa dimensão educacional, é buscar as raízes dos problemas, isto é, busca princípios que orientam a vida, é indagar

sobre os problemas, nunca se contentar com as coisas prontas, e sempre buscar uma posição filosófica, uma filosofia.

Referencias Bibliograficas

BOLDA, Marcio da Silva. *Metafísica e assombro*. Curso de Ontologia. São Paulo: Paulinas, 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto IV: a ascensão da insignificância*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. V.4.

CHÂTELET, François. *Uma história da razão*. Entrevistas com Émile Noel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994;

COÊLHO, Ildeu Moreira. A escola fundamental e média, o saber e o ensino aprendizagem. In: *Solta a voz*. Boletim dos Professores. Colégio Aplicação - FE/UFG, Goiânia, p. 1-7. 1992.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2001.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates Críton*. Brasília: UNB, 1997

CHÂTELET, François. *Uma história da razão*. Entrevistas com Émile Noel. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Zahar.1994.

DELEUSE, Guiles & GUATTARI, Félix. *O que é filosofia*. Trad. Bento Prado Junior e Alberto Munõz. Rio de Janeiro. Editora 34. 2004.

GRANGER, Gilles-Gaston. *Por um conhecimento filosófico*. Trad. Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1989. p.9-7.

OLIVEIRA, Jose Silvio. A práxis pedagógica e o sentido da filosofia no contexto da racionalidade instrumental e da tecnociência. In: *ANAIS DO III SIMPOSIO DE EDUCAÇÃO DO SUDOESTE GOIANO CULTURA TECNOLOGIA E FORMAÇÃO DE 09 A 12 DE NOVEMBRO DE 2004*. Curso de Pedagogia do Campus Jataí da UFG, 2004. Disponível em: <http://www.jatai.ufg.br/ojs/index.php/acp/issue/archive>

_____. *Ética, educação e escola*. OLIVEIRA, José Sílvio. *Ética, educação e escola*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2004.